

PLACAR!

—Ei rapaz, você com certeza podia usar uma ajuda dEle lá no campo.

Aquela voz amiga fez com que Christopher Crosse de 11 anos levantasse a cabeça e abrisse os olhos. Era o velho e querido Pat Brady o sábio zelador da escola.

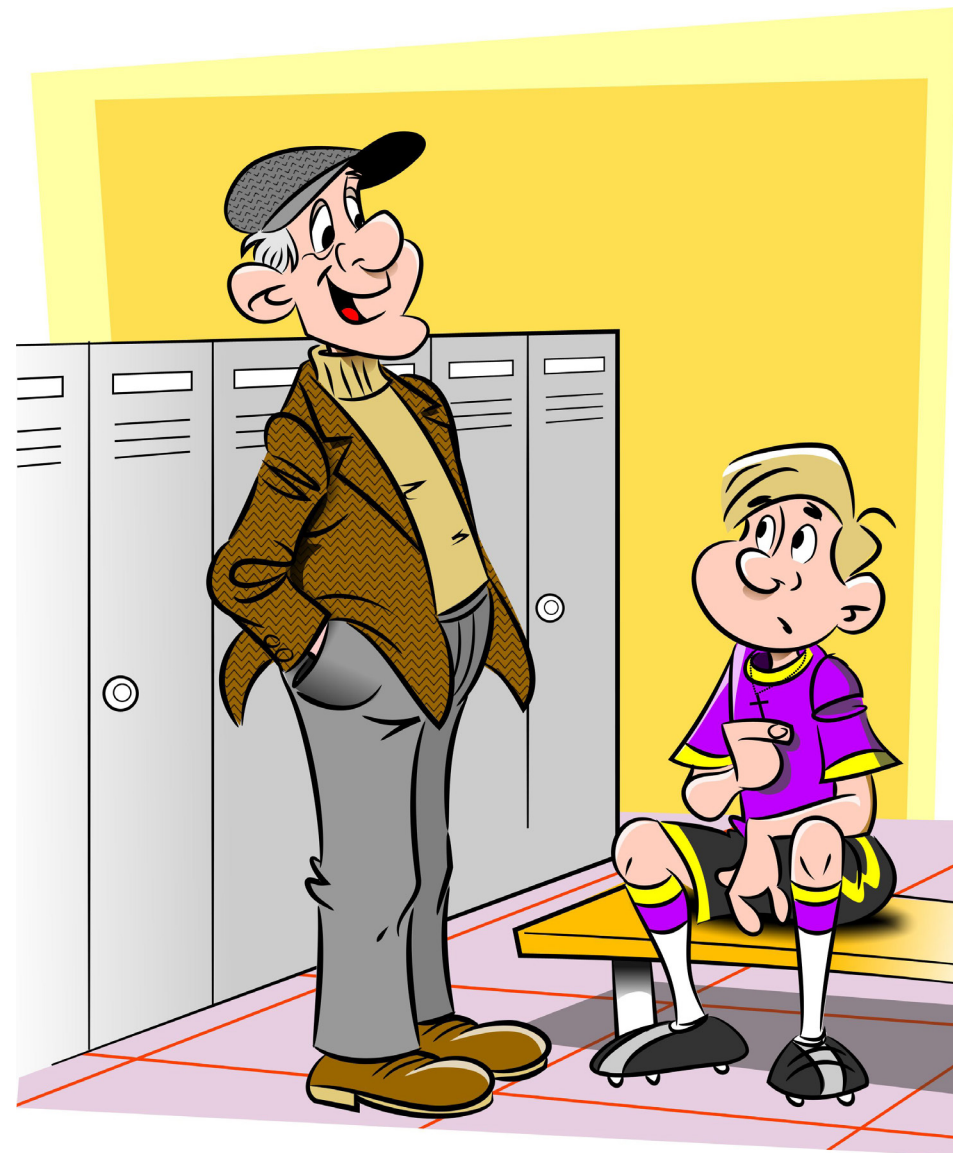
Chris ficou todo corado. Ele sussurrara uma oração enquanto segurava seu pequeno pingente, uma cruz de ouro. Faltava apenas quinze minutos para o jogo, mas o vestiário ainda estava vazio; os outros meninos do time de futebol do Colégio Saint Declan estavam do outro lado do campo desfrutando do encorajamento de amigos e parentes. Chris tinha poucos amigos na escola, e como era órfão não tinha parentes.

- E a ajuda dEle é o melhor incentivo de todos, continuou Pat como se conseguisse ler a mente do menino.

- Não deixe que eu atrapalhe sua concentração, só vou passar o pano no chão.

Assim que Pat saiu silenciosamente pela porta lateral, a porta principal foi bruscamente aberta por um monte de rapazes que entraram falando e rindo, liderados por um menino de 12 anos, alto e de cabelos escuros. Ele parou na frente do Chris com um sorriso bondoso no rosto e piscou. Pete Langley. Chris gostava dele e o admirava, e parecia que Pete também gostava do Chris, mas não eram amigos porque os dois se preocupam com a opinião dos outros. Pete era tudo que Chris não era: alto, bonito e popular. O fato de Chris ser um baixinho, reservado e simples, o deixava fora do padrão para fazer parte da turma do Pete Langley. Mas, de qualquer forma, a piscada foi aprovação suficiente e Chris se levantou, respirou fundo e sorriu.

- Pronto para encarar a galera do Ravenscroft



Comprehensive, Pete? — perguntou um dos meninos.

- Com a ajuda do Chris aqui! — ele respondeu. Alguns dos meninos começaram a rir.

- Estou falando sério — retrucou. Virou-se para Chris e sussurrou:



Como era de costume durante o futebol de fim de semana na Irlanda, nuvens cinzentas se juntaram no céu e começou a chover, transformando o campo em uma mistura de lama e grama. Mas as condições não reduziram o entusiasmo pelo jogo, que se manifestava nos gritos da torcida, e nas expressões dos jogadores em cada passe e drible errado ou acertado.

Será que ela está aqui?

O jogo havia começado há cinco minutos e Chris varria a arquibancada procurando a garota.

Sim! Na primeira fileira próxima da cerca.

Ele tinha acabado de dar um belo toque para Pete Langley, que chutou a bola e fez o gol. Pete desfrutava da aprovação de seus colegas, enquanto Chris

— Toca para mim durante o jogo, está legal?

Chris sorriu e respondeu:

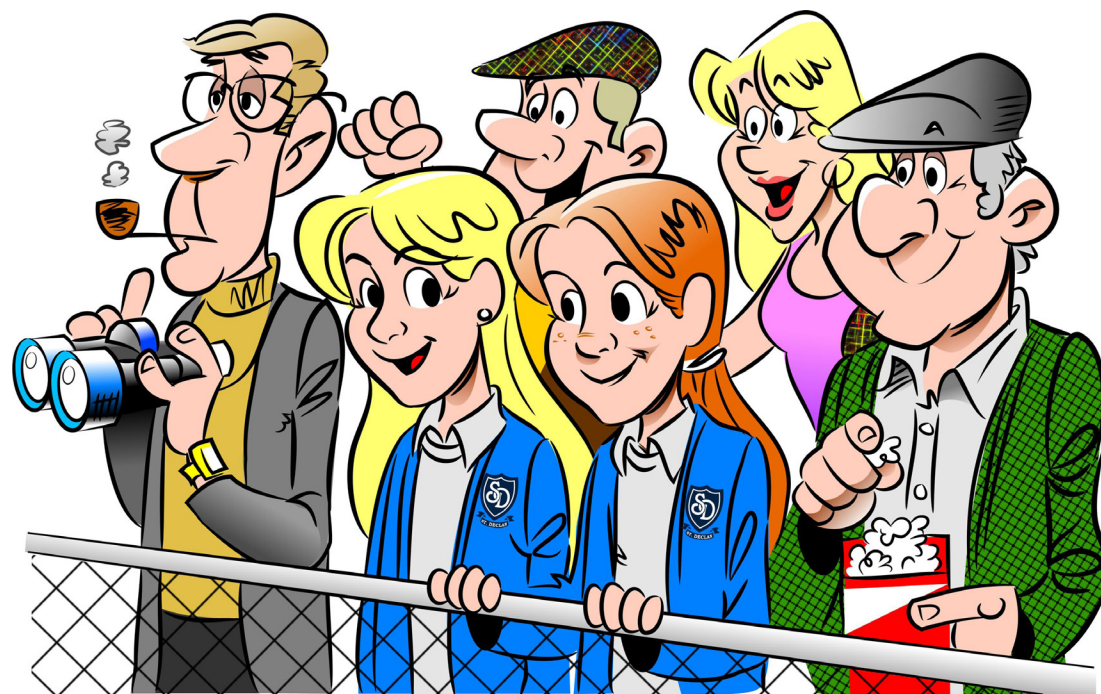
— Vou tentar.

— Muito bem, rapazes! Esse é o dia pelo qual todos esperamos. — Anunciou uma voz rouca silenciando a algazarra. — A torcida lá fora e eu esperamos o melhor!

Na entrada, vestindo um conjunto novo e tênis, estava o Sr. Dermot McCluskey. Ele tinha uns 40 anos, e era um técnico experiente. Passou os dedos pelo seu cabelo ruivo, aproximou-se de Pete e, colocando as mãos em seu ombro, disse:

— Especialmente de você, rapaz. Você nunca nos decepcionou até agora e se servir de incentivo, a minha filha estará na primeira fileira assistindo. — Sussurrou para Pete antes de se dirigir ao resto do time.

— Muito bem, rapazes! Vamos lá arrebentar com a boca do balão!



buscava a aprovação de sua amiga de 12 anos, Alyson McCluskey, uma menina pequena de pele clara e cabelo ruivo, estudante na 6ª série do colégio *Saint Declan*.

Ela não deve ter visto, presumiu Chris, vendo que ela não estava prestando atenção nele nem no Pete, mas em uma amiga que a acompanhava, com quem parecia desfrutar de uma conversa animada.

Mas preciso me concentrar e fazer o meu melhor para esse jogo, resolveu Chris consigo mesmo, e se concentrou em armar as jogadas para Pete chutar ao gol, o que resultou numa grande vitória do time do *Saint Declan* sobre o de *Ravenscroft Comprehensive*.



— Maravilhoso, Langley!

-- Eh, Pete. Fantástico. Você está pensando em ser jogador?

-- Você deveria, Pete. Aquele chute depois do passe daquele menino no começo do segundo tempo foi incrível, uma jogada de gênio.

-- Eu também acho, Russ. Disse para a minha esposa que Pete é o nosso novo Bobby Phelan!

-- É verdade, Peter, você joga demais.

—Obrigado —sussurrou Pete, enquanto meio que sem jeito curti todos elogios que vinham do ???pavilhão, onde o time se juntou com os parentes, amigos e é claro o técnico Dermot McCluskey.

— Minha filha observou cada chute! — Disse McCluskey com um piscada.

--E cada passe, pai,— acrescentou Alyson.

— Passe?

Alyson McCluskey tomou seu refresco e sorriu timidamente.

— Futebol não é exatamente um esporte individualista, sabia.

— Eu sei, mocinha, — disse o pai, que sussurrou para Pete, — ela é um rato de biblioteca igual à mãe. Mas espero que um dia se interesse.

— O que você quer dizer Alyson, — perguntou Pete — com *E cada passe?*

— Eu não sei muito sobre futebol, — ela respondeu. — Mas para quem está assistindo, parece que ...bem, este rapaz aqui ...

E olhou para Chris que estava parado na ponta do salão.

— Parece que Christopher foi o responsável pela maioria dos gols. — continuou Alyson.

— Você notou? — perguntou Chris, surpreso por ela, conhecendo tão pouco de futebol, ter percebido algo assim.

— É, mencionei para a minha amiga Mary sempre que você fazia um passe.





— Não foi tantas vezes assim, — disse Pete.
— Eu peguei a bola e fiz o gol sozinho a maioria das vezes.

Alyson encolheu os ombros.

— Não sei não. Pelo que vi se não fosse pelo Christopher, seu time teria perdido. — disse ela timidamente com um tom determinado.

— Vendo que Pete Lagley ficou sem saber o que falar, Dermot McCluskey colocou, diplomaticamente, a mão no ombro da filha e convidou a todos para um lanche grátis na cantina.

— Seja como for — ele disse com uma risada condescendente. — Temos que nos certificar de que Pete e todos os outros jogadores estejam prontos para a final! Jogaremos contra o time do Colégio Dunham.



Três semanas depois, chegou o grande dia, e junto com os participantes o sol apareceu brilhando agradavelmente.

— Deve ser uma bênção de Deus! — Disse Pat Brady, enquanto acompanhava Pete Lagley e o time para o vestiário.

— Acho que sim — disse Pete.

— Está meio cabisbaixo, rapaz?

Pete bufou e girou os olhos.

Eu vou mostrar para eles.

— Mostrar para eles?

— Nada não.

Chris, que já estava no vestiário, fazendo sua oração antes do jogo como de costume, e amarrava a chuteira quando o time entrou. Olhou com expectativa para Pete, quem nem olhou para ele

Embora se sentiam um pouco desconfortáveis com o silêncio absoluto de Pete, se vestiram para o jogo, sabiam que era melhor nem falar com ele sobre seu mau humor. Até mesmo o técnico McCluskey limitou o seu discurso pré-jogo de sempre a uns tapinhas nas costas de Pete e sussurrou, “dê o seu melhor”, enquanto os jogadores caminhavam vagarosamente para o campo.

— Pode apostar, retrucou Pete.



O jogo começou com o apito do árbitro. Chris assumiu sua posição de volante, mas se sentia inexplicavelmente distraído. Alyson, estava na primeira fileira assistindo, mas não era isso que estava errado. Havia algo estranho. Ele sentia no ar.

De repente, a bola estava em seus pés. Chris piscou; parecia que sua mente acompanhava lentamente seus olhos. Levantou o pé para chutar, mas perdeu a bola, e a torcida do time adversário foi ao delírio. O outro time acabara de fazer um gol. Chris viu o olhar de reprovação de McCluskey, encolheu os ombros como se pedisse desculpas.



Fazendo uma oração em silêncio, Chris mordeu os lábios e com os olhos aguçados, monitorava atentamente a movimentação do jogo. De repente, ele avistou uma oportunidade e correu para pegar a bola.

— Essa é minha! — Gritou um jogador obstruindo-o. Era Pete mandando uma bomba para o gol do time adversário.

— Tem que ser rápido — ele disse, lançando um olhar atravessado.

— Boa jogada, Pete — falou Chris surpreso com a sua própria reação.

— Está sendo engraçadinho?

— Não, estou falando sério.

Soou o apito e o jogo continuou, por mais dez minutos sem gols de ambos os times. Pete Langley estava visivelmente irritado, e os gritos de instruções do técnico Dermot McCluskey não estavam ajudando.

— Agora, chega. — disse Pete, correndo em direção a bola que vinha velozmente para Chris.

É possível, pensou Chris — levantando o pé. — Devo arriscar?

Com um chute de peito de pé, Chris mandou a bola para dentro do gol. Uma satisfação muito grande veio sobre ele, o time olhou para ele surpreso e a torcida foi à loucura.

— Sorte de iniciante — murmurou Pete.

— Boa jogada, rapaz. Mas não fique tentando isso o tempo todo, — instruiu McCluskey — você deixou tudo aberto lá atrás.

Chris olhou para a torcida. E apesar da distância, podia ver que embora Alyson estivesse assistindo o jogo, ela parecia confusa. Voltou a sua atenção ao jogo, se perguntado se seria possível sentir as reações ou até mesmo os pensamentos de alguém de tão longe.



Naquele instante a bola voava em sua direção. Estava na altura perfeita para ele tocar para Pete. Mamão com açúcar.

— Será que devo?

Num piscar de olhos, vendo que Pete Langley vinha em sua direção, decidiu dar um passo para trás e chutou para o gol. Para seu desalento a bola parou nos pés de um dos jogadores do time adversário e depois de um rápido troque de passes a bola entrou no gol do time do *Saint Decan*.

— Qual é seu problema Crosse? — McCluskey gritou entre as reclamações dos outros jogadores. — Você deixou tudo aberto de novo. Por quê?

— Eu...eu não sei, senhor -- respondeu Chris.

O árbitro apitou, e o jogo recomeçou e não demorou e mais uma vez a bola estava no campo de Chris, dessa vez rolando em sua direção. Ele dominou a bola com o pé e olhou para o gol. Estava pensando se deveria tentar marcar. Procurou Pete que, para a surpresa de Chris, estava ao seu lado para lhe roubar a bola. A bola passou por baixo do seu pé e ele perdeu o equilíbrio e caiu.

Ao se levantar, viu Pete Langley, instigado pelos incentivos da torcida, driblando e carregando a bola pelo campo como se estivesse dançando entre os adversários que tentavam impedi-lo, até ficar cara a cara com o gol. Após mirar, chutou a bola direto nas mãos do goleiro, que chutou rapidamente a bola para o volante do seu time, do outro lado do campo, que por sua vez chutou a bola com uma curva impressionante para dentro do gol.

O primeiro tempo acabou e o placar era três a dois para o time do Colégio Dunham.

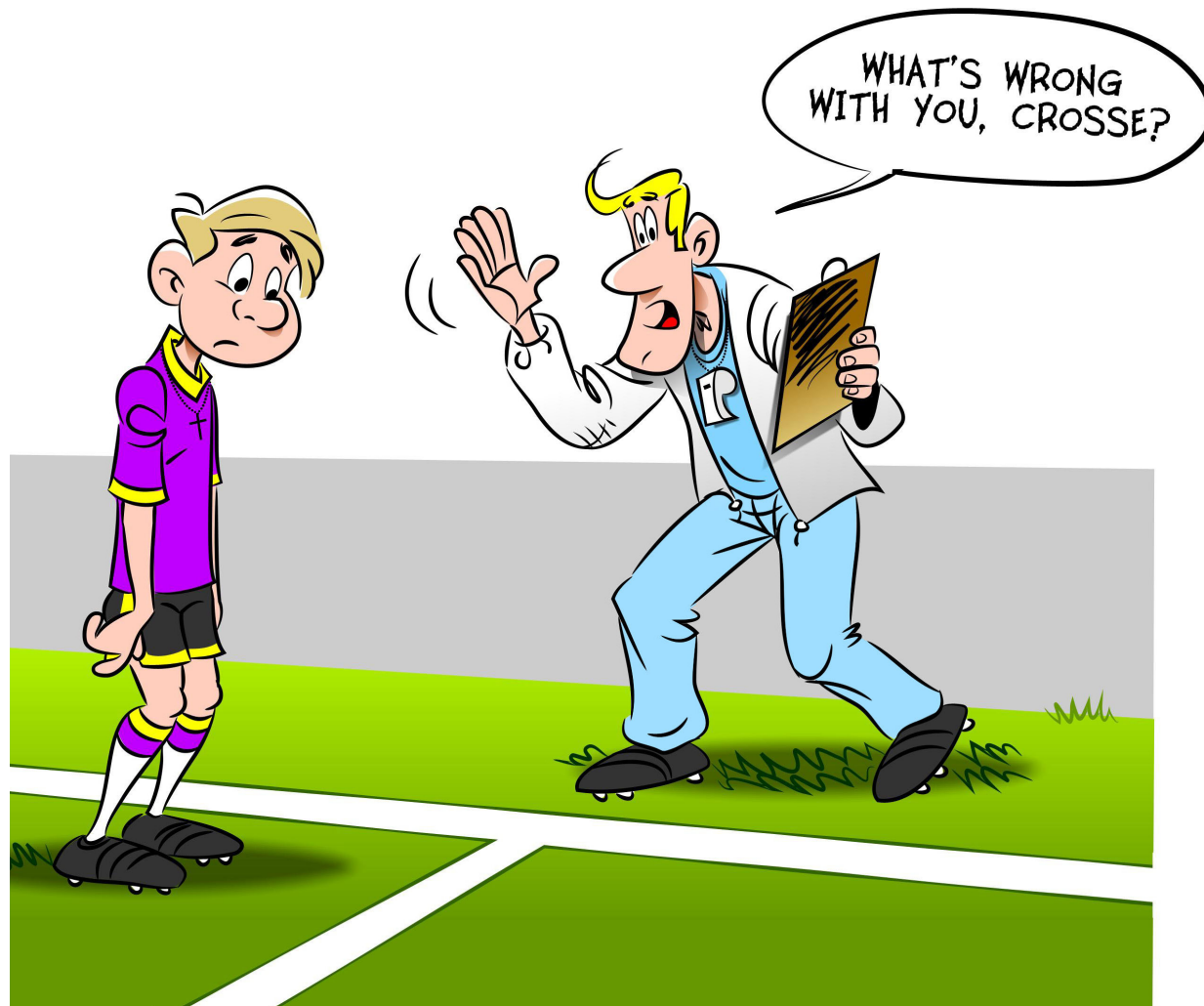


— Dermot, meu amigo, eu não faria isso se fosse você. — disse Pat Brady, enquanto iam para o vestiário.

— Por que não? — gritou o técnico irritado —

Eles merecem! Arruinaram todo o primeiro tempo.

— Verdade. Mas, na minha opinião, se você disser o que está pensando agora na frente dos outros, será prejudicial, a essa altura do campeonato.



— Tem uma ideia melhor? Pat franziu os lábios.

— Algo que os tornarão humildes sem humilhá-los, — sussurrou pensativamente

— Vejamos...

No vestiário, a humilhação proveniente das reclamações sem misericórdia dos colegas da equipe já havia começado para Pete Langley e Christopher Crosse.

— Você nos decepcionou, Langley — um deles disse.

— É mesmo. — Concordeu outro enquanto saía do boxe dos sanitários. — O próximo Bobby Phelan ... sei!

— Agora, por sua culpa, somos motivo de riso. — disse outro.

— Foi minha culpa tanto quanto dele — disse Chris, para surpresa de Pete.

— É! Christopher Crosse ficou louco! — zombou um dos meninos, fazendo o time todo rir.

— Chega Connelly — Pete disse, cerrando os punhos.

— É verdade, eu deveria ter ficado no meu lugar — concordou Chris.

— Você tem o direito de dizer isso 'São Christopher' — disse outro menino. — Não ficamos surpresos com seus deslizes, mas *Langley* foi uma decepção total. Chris encolheu os ombros.

— Seja como for, Fintan. Eu ainda acho que Pete é o melhor atacante que temos...

A porta se abriu com força, Pat Brady entrou e...

— *Alyson*?! — exclamou Chris. — Você está no vestiário dos meninos!

— Pat sorriu.

— Ela sabe onde está! Mas acho que ela tem uma palavrinha de sabedoria para o segundo tempo.

— Onde está o técnico? — Um dos meninos perguntou.

— Ele decidiu se acalmar um pouquinho e mandou a filha como porta-voz para a ...como podemos dizer ...exortação.

— E o que é que *ela* sabe?

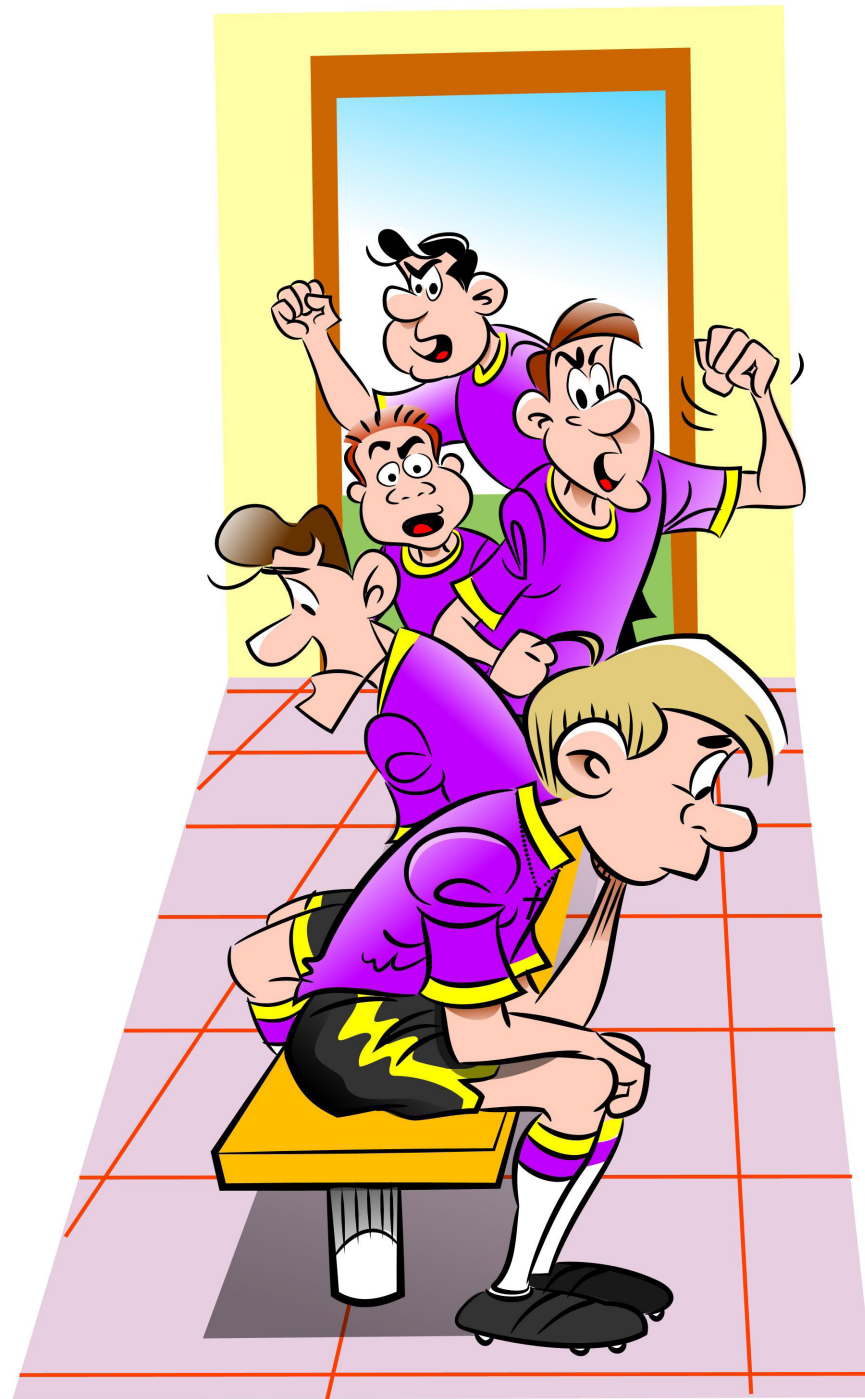
Alyson limpou a garganta, endireitou sua postura e disse:

— Nada, Donegan. Pelo menos, não até assistir à semifinal no mês passado. Veja bem, eu não me considero uma especialista em futebol, mas acredito ter aprendido umas coisinhas sobre o segredo para o sucesso de um time. Houve uma onda de risos e Pete falou:

— Pessoal, escuta. Pior que está não pode ficar. Vamos ouvi-la, certo Chris?

Chris, agradecido pelo reconhecimento, inclinou a cabeça em aprovação.

— Muito bem, — começou Alyson — como já disse, todos sabemos que não sou fã de futebol, embora tenha gostado da semifinal. Os



meninos do Ravenscroft eram um monte de egocêntricos, condenados desde o começo, então não foi de se surpreender que vocês venceram. Mas mesmo se tivessem perdido não teria feito diferença para mim.

— Por quê? — perguntou Pete

— Porque o que eu estava gostando de ver era o jeito que trabalhavam juntos como um time, cuidando uns dos outros e tudo. Como se suas nucas tivessem olhos. E Christopher, gostei do jeito que esperava o tempo certo para armar os chutes incríveis de Pete. Foi muito bom.

— Mas você disse que se não fosse pelo Chris teríamos perdido o jogo. — falou meio resmungando.

Alyson deu uma risadinha.

— Disse mesmo. Mas foi mais para equilibrar a balança. Você tem que admitir que todo o louvor e glória eram para você. Achei que ia ajudar a não te subir muito à cabeça.

Pete corou.

— Tá bom. Onde você quer chegar?

— Olha, Pete, eu não estava desfrutando do jogo hoje, e me perguntei por quê. Cheguei à conclusão que alguns de vocês, e não vou mencionar nomes, estavam tentando *provar* algo. E o jogo não tinha aquele quê, sabe, algo quase que... uma *coreografia*, como no jogo passado.

— Você tá dizendo que quer que dancemos balé lá fora? — Foi a resposta engraçadinha.

— Dá um tempo, Connely - disse Pete.

— Entendo o que ela está querendo dizer.



— Eu também — interiu outro menino.

— Esse jogo está parecendo um circo.

— E nós os palhaços — acrescentou outro menino.

— É isso aí, Fintan — continuou Alyson.

— Alguns de vocês estavam agindo como o time do Ravenscroft. Por isso estavam perdendo!

— Então, tudo isso para dizer? — Pete perguntou timidamente.

Alyson abaixou a cabeça e a virou em direção a Pat. — Acho que já disse tudo.

— Acredito que nossa querida garotinha aqui já deu o recado, algo para todos vocês decifrarem — disse Pat. — Para mim é claro como a água. Mas vocês têm dois minutos para entenderem e voltarem para o campo.

Pete colocou a mão no ombro de Chris.

— Trabalho em equipe. — Disse finalmente depois de refletir em silêncio.

— Trabalho em equipe. Eu não consigo chutar a bola para o gol se o meu amigo aqui não tocar a bola para mim.

— E eu não posso tocar a bola para ele se vocês não passarem a bola para *mim*

— Chris disse dirigindo-se acanhadamente para o time sorridente.

— Então vamos trabalhar juntos, certo?

— Exclamou Pete e o time fez que sim com a cabeça, concordando.

— Obrigado Aly! — gritou Chris, enquanto ela e Pat saíam em direção à porta. Ela sorriu e soprou-lhe um beijo, e coração dele quase parou.



— A coisa estava feia — disse Dermot McCluskey, levantado sua caneca de cerveja preta irlandesa, para brindar com Pat Brady's. — Mas eles inverteram a situação e voltaram a ser o time que eu



conheço! Venceram de sete a três. Não sei como conseguiram.

Pat piscou um olho radiante e com um sorriso dançando no rosto disse:

— Sua filha está seguindo os seus passos.

— E Paddy, como você chegou a essa conclusão? Ela não tem ...ela ...não tem tino algum para o esporte. ...Eu sempre me lamentei por Brigid e eu não termos um menino. — Acrescentou baixinho. — Houve complicações depois do nascimento da Alyson e Brigid não pode mais ter filhos.

Pat ficou quieto olhando pensativo para sua cerveja.

— O que você quer dizer com “ela está seguindo os seus passos”? — perguntou McCluskey depois de alguns minutos de silêncio.

— Ela pode não entender muito de esportes. — disse Pat antes de dar um gole na sua refrescante bebida. — Mas sabe fazer um time trabalhar em equipe. Essa

garota tem visão. Ela tem o poder de influenciar as pessoas.

— Quem, minha Alyson?

— É. Com um jeitinho quieto, depois do seu pequeno discurso ela fez com que aquele time de meninos saísse pronto para vencer, e sem ser dura nem arrogante. E não só prontos para vencer, mas, o que é mais importante, trabalhar em equipe.

Dermot meneou a cabeça em espanto.

— Minha Alyson? Eu nunca imaginaria.

— Os caminhos estranhos do Todo Poderoso. — disse Pat. — A propósito, você disse que sempre quis ter um menino?

— Verdade. E ao dizer isso não significa que não preze muito a minha filha. Mas...

— Dermot, — disse Pat, colocando a mão sobre o ombro do técnico. — Hoje foi um dia cheio de grandes ideias, graças ao bom Deus, e eu tenho outra!

Enquanto os pais e parentes dos meninos do time de Saint Decan celebravam no bar do McClennan, do lado de fora, onde o sol banhava as paredes do bar cobertas de erva, os meninos se sentaram a uma mesa de madeira verde comendo batata frita e tomando diferentes tipos de bebidas. Todos brindavam a

Christopher Crosse, principalmente Pete Langley.

— Vai ser difícil encontrar um volante melhor — ele dizia quando Chris olhou para Alyson McCluskey que estava do outro lado

do banco sorrindo discretamente para ele. Correndo o risco do time tirar sarro dele, o que felizmente não aconteceu, Chris se levantou e foi falar com ela.

— Eu quero mais uma vez agradecer por você ter sido, você sabe, a nossa técnica essa tarde, — disse com um sorriso.

— Não há de que, o prazer foi todo meu. — Christopher... — ela começou a falar, vendo que Chris estava voltando sem jeito para o seu lugar.

— Você mora no orfanato, não é.

— É.

— O Orfanato Santa Esperança?

— É.

— Moramos lá perto, mas é longe daqui.

— É vou ter que voltar de ônibus.

— Que horas é seu horário de... recolher? — Alyson perguntou rindo.

Chris olhou para o relógio.

— Meu Deus! É daqui a meia hora. Preciso ir.

— Espera, — disse Alyson levantando-se. — É perto de onde moramos. Deixa eu perguntar para o meu pai. Talvez possamos te levar lá.

Poucos minutos depois, Dermot McCluskey sai cambaleando alegremente do bar acompanhado pela sua esposa, Brigid, uma mulher graciosa, de cabelos ruivos e olhos azuis cintilantes e bochechas rosadas.



— Não se preocupe — Alyson sussurrou. — A mamãe está com a chave.

— Eu ouvi isso — respondeu Dermot, com a voz meio grogue. — Mas lembre-se que eu é que tenho a chave para o coração dela.

— Espero que cheguemos a tempo, Christopher. — disse Brigid enquanto ligava o carro. — É uma viagem de pelo menos vinte minutos.

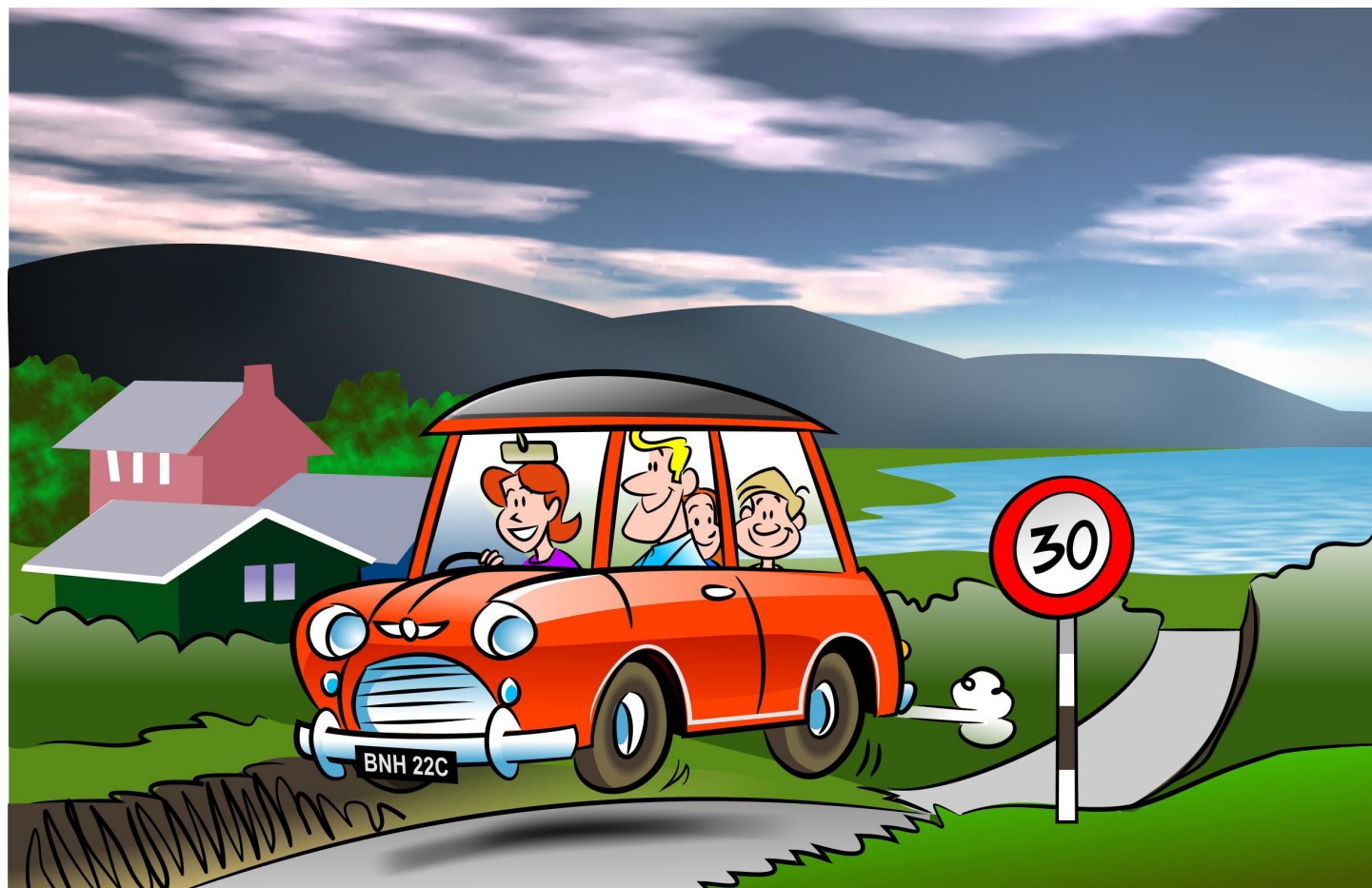
— Não tem problema, Dona McCluskey — disse Chris enquanto o pequeno carro começava a viagem pelas estradas estreitas do interior de Kilderry. — Fico feliz de não ter que pegar o ônibus.

— E logo você talvez nem precise mais pegar o ônibus. — Dermot deixou escapar.

— Querido! — protestou Brigid.

— Conta de uma vez, meu bem! É melhor descobrir agora se ele quer. Chris olhou para Alyson sem entender.

— Está bem então, Christopher, — continuou Brigid. — Nós, quer dizer, meu marido,



Alyson e eu, estávamos pensando se você gostaria ...

— De conhecer melhor a nossa família — Dermot deixa escapar mais uma vez.

— Devagar, querido, não queremos pressionar o menino.

Chris ficou todo feliz e Alyson entrelaçou seu braço no dele.

FIM